



1- O jeito de ver, de pensar, de agir de uma pessoa é, de certa forma, influenciado pela cultura que essa pessoa pertence. O artista quando produz uma obra, expressa nela o seu olhar, que se encontra calcado na cultura que ele pertence. Por mais que ele não queira ou não ligue em expressar uma identidade cultural, ela estará ali presente na obra, por fazer parte da gênese da arte, estar integrada a uma cultura. Dessa maneira, ao olharmos uma obra de arte podemos traçar sua identidade, identificando a cultura em que foi produzida, o tempo, os ideais, ao utilizar um olhar mais minucioso. Veremos, então, que uma coluna grega traz consigo uma identidade marcada por uma época e cultura, usada em repetição para sustentar um espaço construído para adoração de deuses, "bramquinta", assim como uma coluna neoclássica, que tinha como referência a coluna grega, também bramquinta, mas usada em repetição para sustentar espaços públicos, sem a intenção de adoração de diferentes deuses. Uma mesma coluna, com identidades tão diferentes, em acordo com a época, o ideal, o gênero, a cultura, etc. Intencional ou não, a identidade cultural estará presente. Proposital ou não, a identidade cultural estará presente. Veremos artistas que produzem obras onde a intenção maior é expressar uma identidade, nos anos 70, Judy Chicago, produz "o jantar", expressando ali a identidade feminista. Beuys produz "como explicar imagens a uma letra morta" e "Eu amo a América e a América me ama", perfomances marcantes que expressam ali uma identidade política. Por outro lado, veremos artistas africanos, que impedidos de perpetuarem sua identidade no

Brasil escravizada do passado, recriam identidades, amulando os santos católicos ou branqueando a iconografia africana. Essas considerações não sendo feitas por um olhar mais minucioso, no entanto não são somente estudiosos que olham as mais diferentes obras de arte, mas sim, elas se encontram abertas aos mais diferentes públicos, de culturas e tempos diferentes e, por isso, a identidade expressada pelo artista pode assim se perder. A obra está aberta ao espectador, que traz a sua construção social ao seu ato de olhar e apreciar a arte. Quando a identidade cultural do artista é por de mais diferente a do espectador a primeira reação é a repulsa. O meu olhar, o meu jeito de pensar deve "sempre" prevalecer ao do outro(?). É claro que não. Devemos nos abrir ao olhar o novo, sem perdermos a nossa essência. Devemos respeitar as diversidades sem perdermos a nossa singularidade. O estranhamento inicial é comum, mas ~~isso~~ não é um problema. Problema seria se a arte tivesse que se fechar no seu tempo, por ser diferente de outros. Problema seria se todos nós tivéssemos que pensar igual. A arte sim, tem a sua identidade, mas essa identidade não é algo fixo, pois depende de um olhar, depende de contexto, depende de construção social, devemos assim nos abrir ao novo, ao diferente, ao olhar do outro nos reinventando o tempo todo.

2. Fazendo uma reflexão sobre a vida dos povos africanos ao Brasil, podemos perceber o quão repudada foi a vida deles no passado de neste território. Livros de História, livros de Geografia, livros de Sociologia, entre outros, nos contam, em um olhar vindo de cima, um pouco dessa triste história. Relatos de jornais de épocas passadas, literaturas e poemas também nos contam um pouco dessa triste história. As diferentes produções artísticas de diferentes tempos também nos contam um pouco dessa triste história. Focando nas produções artísticas podemos destacar as aquarelas de Jean Baptiste Debret, pintor francês, que veio ao Brasil no início do século XIX, com a intenção maior de se tornar professor da Academia de Artes do Brasil. As aquarelas de Debret retratam o dia a dia na cidade do Rio de Janeiro de referido século. As cenas impressionam pelos grandes maus tratos repudados pelos africanos. Obrigados a sair de seus países de origem e a trabalhar como escravos, eram amarrados a grandes tocos de madeira e chicoteados em praças públicas se não fizessem bem os seus trabalhos. Fora estas chicotadas recebemos nas obras do artista a falta de cuidados ^{visto} em detalhes como: os pés sempre descalços, as roupas rasgadas, os olhares perdidos. Os anos passam, a sociedade muda, mas a vida dos descendentes de africanos não facilita muito no Brasil. Na academia de artes do Brasil, temos artistas afro-brasileiros, uma grande con-

quinta, segundo o ^{com}tor Rafael Cardero, no que estes artistas não podem exprimir sua cultura e não limitados a seguir os padrões europeus se "brancando". Em uma das exposições da Academia, pode-se destacar a pintura do retrato de Simão Cavalcanti, o que vinham de fora, não entendiam o porquê de um retrato de um negro ^{descendente de} africano estar ali, junto com os membros da elite da alta sociedade brasileira, e sabiam que conheciam a história do Simão, sabiam que ele era um herói nacional e que salvou muitos de uma morte por afogamento ao afundar o vapor em que trabalhava com a ^{boa} família e para em que a cidade do Rio de Janeiro começou a se povoar, que igrejas não construídas, artistas vindo de fora tem seus nomes gravados, nomes artistas descendentes de africanos, nem sempre o reconhecimento pelo trabalho de branco, a arte dele é algo "maior", a falta de reconhecimento pelo trabalho de negro, a arte dele é utilitária, depende do uso e não de grande conhecimento, depende do manuseio das ferramentas e não da sabedoria do estudo. Na arte atual, as obras lindas de Nelson Leirner diferentes, coloridas e instigantes, mas que quem do ~~trabalho~~ público ^{trabalho} sabendo que a inspiração dessas formas vêm das religiões africanas, muitos deixam de gostar por simples preconceito. Obras de fotografias de artistas como Sebastião Salgado que de alguma forma tentam chamar a

atenção da sociedade para a situação precária que se encontram em algumas regiões da África, vivem como infantes de idade de estar em outras muitas situações, como que os deficientes de apurados não minimizados e que não não deveria acontecer. O que fazemos agora é que muito já tem sido feito é tentar realizar uma revisão histórica, procurando ressaltar a beleza, o talento e a grandiosidade de artistas e pensos afro-brasileiros mostrando aos futuros leitores e seus valores na nossa sociedade. Cada vez mais pesquisadores professores comprometidos tem exaltado essa grandeza através nas mais diferentes áreas de estudos e atuação. Que bom!

3- O ensino faz parte da identidade de brasileira e por isso mais e mais pesquisadores de diferentes áreas procuram superar a deficiência de estudos sobre esse povo. Registros do nosso território Antes, quando eu era criança a arte indígena era lembrada, na escola, no dia do índio, de forma bem básica, as crianças acompanhavam um cocar com penas e voltavam pintadas para casa. Isso ainda acontece nas escolas, no entanto professores mais conscientes sabem da importância de falar sobre a cultura indígena, com seus alunos. É preciso falar sobre o seu modo de vida e mostrar ao aluno, fazendo o refletir,

que praticamente todas as sociedades possuem um estilo de vida calcado no local, no tempo, na cultura, no perto no estilo de vida, no idioma, é preciso falar nas grandes heranças que esses povos ~~deixaram~~ deixaram, nas comidas, na linguagem, no jeito de vestir, mostrando ao aluno e levando-o a refletir que a cultura brasileira não é uma apropriação única da cultura europeia. É preciso falar sobre os diferentes grupos indígenas que vivem no Brasil, destacando as singularidades de cada grupo, mostrando ao aluno e levando-o a refletir que assim como em cada região do nosso país existe um jeito de se vestir, de falar, de comer e assim como em cada região do mundo existe também uma diversidade de se vestir, falar, nos grupos indígenas essa diversidade cultural também existe. É preciso falar sobre as atrocidades exercidas contra o índio. Por que não conhecer as suas religiões? Por que não conhecer a sua luta? Por que não conhecer os seus idiomas? Nas aulas de arte, hoje, o ensino da cultura indígena é obrigatório. Professores e professoras de artes têm que ter como meta, pesquisar livros, conhecer descendentes de índios que possam conversar, pesquisar informações na internet, participar de congressos que envolvam esse assunto a fim de garantir uma melhoria nas aulas, fazendo com

que o índio não seja lembrado so-
mente no seu dia e o conhecimento so-
bre ele não se limite ao uso de um
cocar com penas coloridas. É possível men-
tar aulas que levem uma reflexão
histórica que permitam a fruição da
produção artística indígena de diferen-
tes regiões e que mantenham a cultura
de diferentes artefatos que não se
limitem a um cocar de penas (o uso
da argila é muito interessante, por exemplo).
É possível convidar descendentes de indígenas
para um bate-papo com alunos e discutir
com o mito que o índio já não tem
roupa e vive na selva (apesar de ainda existi-
rem eles que mantêm uma cultura mais original).
Por um lado, que o pensamento não
deve se limitar à escola, mas também se
insere nos cursos universitários e de for-
mação de professores e professoras. É preciso
que cada vez mais tenhamos revistas e
novos jornais valorizando todo tipo de
cultura e não só destacando a dominante.